

**ALGUMAS DIVERGÊNCIAS
NA TRADUÇÃO DO
CRISTIANISMO PARA O TUPI
EM CATECISMOS JESUÍTICOS
(SÉCULOS XVI-XVII)***



CÂNDIDA BARROS**, RUTH MONSERRAT***

Resumo: *o objetivo do trabalho é fazer uma análise textual comparativa entre “Doutrina christã na lingua brasilica”, manuscrito descoberto recentemente na Biblioteca de Bodleian da Universidade de Oxford, e outras versões de catecismos jesuíticos. Operamos com a hipótese de Estensoro (1998), de que as discordâncias existentes seriam um sintoma da dificuldade de recepção pelos índios de determinadas propostas lexicais, levando os missionários a procurarem outras soluções.*

Palavras-chave: *Catecismos. Tupi. Tradução. Estandarização. Jesuítas.*

Doutrina christã na lingua brasilica é um manuscrito anônimo, não datado. O documento, descoberto recentemente pela pesquisadora Vivien Kogut Lessa de Sá, foi encontrado casualmente, quando ela buscava informações sobre o corsário inglês Thomas Lodge (circa 1558-1625). O documento fora roubado por Lodge da biblioteca do colégio jesuítico de Santos em 1591 (NOVO MILÊNIO, 2013).

O objetivo desse trabalho é fazer uma análise textual comparativa entre Doutrina christã na lingua brasilica (doravante Doutrina do Colégio de Santos) e outras versões de catecismos jesuíticos. Por meio de tal análise, procuraremos relacionar esse manuscrito da Biblioteca de Oxford aos demais exemplares conhecidos de catecismos não impressos do século XVI e com a primeira doutrina impressa em 1618.

Apesar de haver grande semelhança entre os formulários presentes nos catecismos jesuíticos dos séculos XVI e XVII, a tradução para o tupi¹ de algumas ideias

* Recebido em 28.08.2019. Aprovado em 14.12.2019.

** Coordenação de Ciências Humanas/Museu Emílio Goeldi. *E-mail*: mcandida.barros@gmail.com

*** Faculdade de Letras/Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail*: ruth.monserrat@gmail.com

crístãs e formas de explicá-las aos catecúmenos indígenas apresentavam divergências. Essas ocorreram simultaneamente à vigência da política de uniformização do texto catequético implementada pela Companhia de Jesus, processo que se consolidou com a impressão do primeiro catecismo tupi, de Antônio de Araújo (1952 [1618]).

Nosso procedimento de análise concentrou-se no inventário e observação de conceitos cristãos traduzidos para o tupi que apontam para uma falta de consenso entre os jesuítas, no período de 1549-1618, quanto às formas de sua tradução. Foram selecionadas as oscilações encontradas na tradução para o tupi de conceitos relevantes para o cristianismo, tais como ‘virgindade’, ‘cruz’, ‘ano’ e ‘pessoa’ (no contexto da Santíssima Trindade).

A hipótese do trabalho é de que os casos de divergência existentes na forma de tradução e explicação de alguns conceitos cristãos apontariam para uma não aceitação de determinadas propostas lexicais por parte dos índios que auxiliavam os missionários nessa tarefa, levando estes a procurarem outras soluções, através de novas experimentações linguísticas.

A abordagem das diferenças nas formas de tradução da terminologia cristã foi inspirada no livro *Del Paganismo a la Santidad. La incorporación de los índios del Peru al catolicismo, 1532-1750*, do historiador Luis Carlos Estenssoro (1998). O livro propõe uma história dos catecismos quechua entre os séculos XVI e o XVIII. Analisa os casos de vacilação nas formas de tradução do discurso cristão para o quechua ocorridos antes do Terceiro Concílio de Lima (ESTENSSORO, 1998). Foi somente a partir dessa reunião episcopal que se instaurou a standardização do discurso cristão em quechua e aymara.

O procedimento de análise de Estenssoro (1998) é esquadrihar as fontes documentais à procura de mudanças e diferenças nos textos relacionados à evangelização. Sua hipótese é de que tais fenômenos linguísticos poderiam ser uma forma de se aproximar da recepção do discurso colonial pelos índios (ESTENSSORO, 1998, p. 34). As divergências de tradução possibilitariam o acesso indireto à recepção indígena do cristianismo nos primeiros anos da evangelização.

Estenssoro (1998) propõe uma análise de base comparativa lexical que examina as particularidades de formas e de sentidos adquiridos pelas palavras ao longo do tempo. O estudo da significação do léxico propõe estabelecer suas relações de sinonímia (ou antinonímia) e de especialização (ou ampliação) de sentido. Um exemplo de análise histórico-semântica lexical é o do termo quechua *supay*, cujo significado passou de ‘anjo’ a ‘demônio’ nos catecismos nessa língua. Trabalho clássico ainda nessa linha histórico-semântica sobre as fontes coloniais é o artigo *Supay* de Gerald Taylor (1980), no qual o linguista faz um inventário do léxico e de sua variação em vários documentos coloniais.

Nosso trabalho faz uso de transcrição paleográfica conservadora - sem interferência na ortografia do original - dos documentos em análise.

ESTABILIDADE E INSTABILIDADE DAS TRADUÇÕES NA HISTÓRIA TEXTUAL DOS CATECISMOS JESUÍTICOS

347 A necessidade de uniformização textual do catecismo por parte da Companhia de Jesus se devia à forma de ensino oral daqueles formulários para os índios. As orações e as listas de preceitos eram textos a serem por eles memorizados oral-

mente, pois deviam ser repetidos verbatim (com as mesmas palavras). Qualquer mudança nesses formulários exigiria um esforço a mais para ensinar algo diferente aos catecúmenos, cada vez que o missionário fosse transferido de aldeia. Assim, a orientação da hierarquia jesuítica era que os missionários não alterassem o texto da doutrina “publicado”, ou seja, autorizado pelos visitantes ou provinciais.

A estandardização do discurso cristão em tupi entre os séculos XVI e XVII pode ser observada nos resultados da análise comparativa das versões de orações, listas de preceitos e sequências de turnos de perguntas e respostas comuns a Anchieta (1988, 1992a) e Araújo (1952 [1618]).

Tanto as orações e listas de preceitos como os capítulos de diálogos do exemplar do catecismo da Biblioteca de Oxford são similares aos do catecismo de Antônio de Araújo, impresso em 1618. Antes de sua primeira impressão, a Ordem já havia conseguido uma uniformização do texto da doutrina nessa língua.

Uma carta do provincial Marcel Beliarde em 1592, escrita um ano depois do roubo do manuscrito da biblioteca jesuítica de Santos, revela o controle desse gênero textual por parte das autoridades da Ordem. Na correspondência, Beliarde solicita permissão à Congregação da Companhia de Jesus em Lisboa para imprimir um catecismo tupi, como forma de fixá-lo:

Leva também o Procurador [Luis da Fonseca] a Doutrina Cristã composta na língua do Brasil e Arte da mesma língua. Uma e outra, pede a Congregação a Vossa Paternidade dê licença para se imprimir, porque será coisa de grande aumento das almas e causa de haver muitas línguas e se aprender com mais facilidade. E eu, da minha parte, peço também com tôdas as veras o mesmo. Quanto à Doutrina, quarenta anos há que se compôs, e até agora sempre se ensinou, apurando-se e emendando-se assim no tocante à Teologia como na língua. E porque parece que não há já que emendar, como os melhores línguas, que há, dizem; e na Teologia estamos certos: e, com se imprimir, será mais fácil tê-la todos, aprendê-la e ensiná-la, se pede a V. Paternidade dê para isso licença, porque pelo trabalho de a escrever muitos deixam de a ter, e os que a teem, não a teem certa; e cada um, se está um pouco adiantado na língua, lhe parece que se poderia dizer isto ou aquilo melhor, e assim a querem emendar a seu gôsto; com a ver impressa, entenderão que não há que emendar a seu gôsto (carta de Beliarde, Bahia, 20 de setembro de 1592 apud LEITE 1938 t. II, p. 558).

A carta de Beliarde mostra que, a necessidade de estabelecer formas de controle desse grupo de missionários, para que não alterassem os textos da doutrina traduzidos: “cada um, se está um pouco adiantado na língua, lhe parece que se poderia dizer isto ou aquilo melhor, e assim a querem emendar a seu gôsto” (carta de Beliarde, Bahia, 20 de setembro de 1592 apud LEITE 1938 t. II, p. 558).

Porém, uma interpretação forte da política de estandardização dos catecismos jesuíticos antes da primeira impressão em 1618 tornou invisíveis algumas áreas semânticas da tradução dos conceitos cristãos para o tupi, que se mantiveram vacilantes e fora do controle da autoridade jesuítica. Os casos de instabilidade na forma de tradução no século XVI representariam tentativas de experimentações linguísticas por parte dos jesuítas, visando tornar mais inteligíveis para os catecúmenos as ideias cristãs. Essa inconstância revela a falta de consenso entre os missionários até a primeira impressão (1618) em relação à melhor forma de evangelizar os índios.

CORPUS DE CATECISMOS TUPI JESUÍTICOS DOS SÉCULOS XVI E XVII DISPONÍVEIS PARA ANÁLISE

Os gêneros textuais dos catecismos a serem comparados são orações, listas de preceitos e diálogos de doutrina. Enfocaremos somente as fontes diretamente jesuíticas, não abarcando as fontes escritas pela mesma Ordem, divulgadas por outros autores (THEVET, 1575, 1586; ORE, 1607; EVREUX, 1864 [1615]).

Apenas duas versões de catecismos tupi do século XVI - de autoria do padre José de Anchieta (1988 e 1992a) - eram conhecidas até recentemente. Elas foram transcritas, editadas e analisadas por Armando Cardoso. Há ainda um códice com uma doutrina em português, de Anchieta (1992b), que corresponde parcialmente aos seus diálogos dos catecismos tupi (ANCHIETA 1988; ANCHIETA 1992a). Tais documentos pertencem ao Arquivo da Postulação Geral da Companhia de Jesus e ao Arquivo Romano da Companhia de Jesus.

O terceiro documento jesuítico que contém um catecismo tupi é o manuscrito *Doutrina christãã na linguaõa brasílica*. O que sabemos dele é que é anterior ao ano de 1591 e que estava guardado em um colégio jesuítico em Santos. É anônimo, à diferença das outras três versões, associadas a uma autoridade jesuítica (José de Anchieta).

Para situar as diferenças de tradução para o tupi de conceitos cristãos, a comparação foi realizada no interior de capítulos com os mesmos temas doutrinários. O quadro abaixo sistematiza as fontes e gêneros doutrinários a serem analisados:

Quadro 1: Fontes documentais tupi disponíveis (séculos XVI-XVIII)

Gêneros doutrinários	Fontes documentais tupi disponíveis
Diálogos de doutrina	Anchieta (1988; 1992a) Anônimo (ant.1591) Araújo (1952 [1618]) impresso
Orações e preceitos	Anchieta (1992a) Anônimo (ant. 1591) Araújo (1952 [1618]) impresso

ALGUNS EXEMPLOS DE DIFERENÇAS DE TRADUÇÃO

Analisamos quatro casos de tradução de termos cristãos para o tupi que apresentam vacilação no conjunto de textos: cruz, virgem, ano e pessoa. Os três primeiros estão na seção de orações e listas de preceitos, e o quarto, no diálogo de perguntas e respostas.

Cruz

Logo na primeira linha da *Doutrina do Colégio de Santos*, que apresenta a oração do Sinal da Cruz, é possível encontrar uma diferença em relação à versão estandardizada do catecismo de Araújo (1952 [1618])

Quadro 2: Versões da oração do Sinal da Cruz

Anônimo ant. 1591

Sãcta ioaçaba raãgaba reçe Ore pigçigrô yepe: Tupã oreiara Ore amotarêbãra çui (fl.1)²

Araújo (1952 [1618])

Sancta Cruz Raangába recè Oré pigçirô yepé Tupã ore iar Oré amotaré imbàra Çuí, (13r)³

Pelo sinal da Santa Cruz nos salve Deus nosso senhor dos nossos inimigos (Trad.Ruth Monserrat).

O manuscrito (ant.1591) usa um termo tupi para ‘cruz’, quando traduz “Sinal da Santa Cruz” (*Sãcta ioaçaba raãgaba*), enquanto Araújo (1952[1618]: 13r) mantém o empréstimo português Santa Cruz (*Sancta Cruz Raangába*). A palavra tupi *ioaçaba*, criada para traduzir a “cruz” cristã é assim decomposta: *io-açába* - recíproco-atravesados/cruzados, subentendendo-se a matéria que se cruza, que no caso da doutrina cristã era paus/madeiras.

Temos uma passagem, em carta do irmão Blazques de 1557, que relata a mudança de “Santa Joaçaba” para “Santa Cruz” nas missões da Bahia: E dado que ao principio tinham empacho de dizer ‘santa joaçaba’ que em nossa lingua quer dizer: polo sinal da cruz, por lhes parecer aquillo gatimanhos, ya agora estão destros em se santiguar e sabem muitos as orações de choro Irmão Blazquez, Bahia (1557 *apud* LEITE, 1956 t. II, p. 34).

Essa mudança na forma de traduzir o Sinal da Santa Cruz ocorreu com a chegada do então provincial Luís Grã em 1557, que trazia novas versões das orações, a serem doravante usadas na Bahia em vez da versão usada anteriormente, criada por Azipulcueta Navarro, jesuíta chegado com o primeiro grupo da Companhia de Jesus. Os missionários na Bahia eram instados a deixar de usar *Santa Ioaçaba* e darem preferência ao empréstimo do português, Santa Cruz, que, na época, era a versão usada em São Vicente. A Capitania de São Paulo, até a impressão de Araújo (1618), era reconhecida como celeiro de “línguas” (intérpretes) recrutados pela Ordem para atuarem como missionários.

A substituição de *ioaçaba* por *cruz* não fez desaparecer em Anchieta (1988, 1992a) e em Araújo (1952 [1618]) construções lexicais com *açáb* (‘atravessar, passar’), seja para referir-se à cruz na qual Jesus morreu – *ybyraçaba* (*ybyrá* ‘pau’- *açáb* ‘cruzar/passar’) = ‘paus cruzados’ = ‘cruz’, seja para expressar os conceitos de ‘persinar’(persignar) e de ‘abençoar’ (ANCHIETA, 1988, p. 121 e ARAÚJO 1952 [1618]), traduzidos por um único e mesmo termo tupi *iobaçab* [ie-obá-açáb] (reflexivo-rostro-atravesar= atravessar-se ou cruzar-se o rosto).

*Maránamobépasé jobasábi?*⁴Como mais nos **benzemos?** (ANCHIETA, 1988, p. 121)*Mará êt peacè oyo baçapa?* (ARAÚJO, 1952 [1618], p. 21)⁵O que a gente diz **benzendo-se/pesigando-se?** (Trad. Ruth Monserrat).

A carta de 1557 do jesuíta Blazques (LEITE, 1956, t.II, p. 34) relatando que as autoridades jesuíticas haviam fixado, na oração do Sinal da Cruz, o empréstimo português ‘cruz’, poderia nos induzir a pensar que o documento de Santos seja anterior

àquele ano, já que nele se mantém a expressão *ioaçaba*. Porém o número significativo de turnos de perguntas e respostas iguais no interior de uma dezena de capítulos sobre pontos da doutrina que se repetem no códice da Biblioteca de Oxford, assim como em Anchieta e na impressão de Araújo, torna precária a hipótese de que o manuscrito de Santos tenha sido composto antes 1557 (Blazquez). É difícil imaginar que apenas poucos anos após a chegada dos jesuítas ao Brasil, em 1549, o texto da evangelização em tupi já estivesse completo e cristalizado, principalmente nos tão extensos diálogos de doutrina.

Virgem

A *Doutrina do Colégio de Santos* e Araújo (1952 [1618]) divergem, na oração do Credo, quanto à maneira de traduzir a ideia da virgindade de Maria. Para ‘virgem’, o códice anterior a 1591 propõe o empréstimo do termo português, enquanto Araújo o traduz pela construção tupi *ababîcagoereima*.

Quadro 3: Versões do Credo em tupi

<p>Anônimo ant.1591</p> <p><i>Arobiar [...]Jesu Christo abe [...]: oar Maria Uirgê Çui</i> (fl.2)⁶</p> <p>Araújo (1952 [1618])</p> <p><i>[...] Arobiar IESV Christo abé [...] Ae bae oár Maria ababîcagoereima çûi.</i> (p. 15rv)</p> <p>Creio em Jesus Cristo também [...] que ele nasceu de Maria virgem (trad. Ruth Monserrat)</p>
--

A construção lexical tupi usada para traduzir ‘virgem’ – *ababycagoereyma* – se decompõe em *abá-býc-agoér-eym-a* [homem-penetrar/furar-passado-negação-nominal] ‘não penetrada/furada por homem’.

Araújo também recorre ao empréstimo virgem, porém como parte do nome próprio de Maria (“Santa Virgem Maria” e “Virgem Maria”), como mostra o exemplo abaixo em que usa tanto o empréstimo quanto a expressão tupi:

Arobiar Virgem Maria çûi Yáragoea [yaragoera] ababîcagoereĩmamo cecô pupememé (Araújo, 1952 [1618], 16v)

Acredito que o senhor esteve dentro da Virgem Maria enquanto virgem [sem ter sido furada por homem] (Trad.Ruth Monserrat)

Ano

O discurso cristão necessita de conceitos temporais para estabelecer a frequência das obrigações do fiel. Na seção que trata dos Mandamentos da Santa Mãe Igreja, quando é preciso referir-se à obrigação do fiel de confessar-se pelo menos uma vez por ano, a proposta da *Doutrina do Colégio de Santos* para traduzir ‘ano’ é diferente da de Araújo (1952 [1618]) e Anchieta (1992a, p. 143). O primeiro opta por construir a expressão pela referência ao ciclo climático (frio); os outros dois por meio de marcadores astronômicos (Plêiades), ou ainda, no caso de Araújo, por um

marcador ligado aos ciclos da vida vegetal (queda do caju).

Quadro 4: Divergências na tradução de conceitos cristãos

Anônimo (Ant. 1591, p. 4)	<p>“roig iabiô yemobeu”</p> <p>confessar-se a cada frio [=inverno] (ano)</p> <p>frio cada se confessar</p>
Araújo (1952 [1618, p. 104])	<p>“ceixû yabiô nhemombeû”</p> <p>‘confessar-se a cada plêiade (ano)’</p> <p>plêiades cada se confessar</p> <p><i>mbobîpe iaci canbêmi, coipô acajú ajubamó... ‘quantos meses passaram, ou quantos cajus caíram (anos)...</i></p>

O emprego do termo ‘frio’ – *roig* – para traduzir ‘ano’ também se encontra no dicionário de Piratininga (1622), Capitania de São Paulo, como se vê no verbete ‘inverno’: “Jnuerno. Roig” (AYROSA, 1938, p. 266)

Tal forma de caracterização do ciclo anual não seria adequada para as regiões do nordeste, daí decorrendo por certo a escolha das palavras *ceixû* – denominação tupi das Plêiades ou Sete Estrela e da expressão *acaju aiúba*, como referência à queda do caju, que ocorre somente uma vez por ano. O termo *ceixû* é usado em Araújo e Anchieta (CARDOSO *apud* ANCHIETA, 1992a, p. 144), e *acaju aiúba*, em Araújo [1618, p.104], representando escolhas lexicais com maior possibilidade de serem entendidas ao longo da costa.

Nos registros de mitos *Apapokuva* (guarani) por Nimuendaju, em pleno século XX, observa-se que se manteve *roig* como referência ao ciclo anual: *Roy oaçá, oñendu jevý ma mbaemeguá ryapú. El año pasó y nuevamente se escuchó el trueno del fin* (NIMUENDAJU, 1978, p. 173).

Santíssima Trindade

Nas orações dos catecismos tupi, a Santíssima Trindade é caracterizada como “*Tuba, taigra, Tupã spũ Santo*” [Pai, Filho, Espírito Santo] (ANÔNIMO, Ant.1591, f.1r), sem referência à cifra ‘três’. Apenas no diálogo de perguntas e respostas surge a menção a ‘três’, que requer explicitação de sua referência, ou seja, do que está sendo qualificado como três. No códice do Colégio de Santos, como Araújo (1952 [1618]) e em uma das versões de Anchieta (1992a, p. 201), emprega-se *abá*, que significa ‘pessoa’, ‘gente’, ‘homem’, ‘varão’. A outra versão de Anchieta opta pelo empréstimo português “pessoa”, que depois desaparece, na versão estandarizada:

Quadro 5: Divergência na forma de explicação da Santíssima Trindade

Anônimo (Ant. 1591)	Anchieta (1992a)
<p><i>Mobig abape no?</i></p> <p>Então quantas peçoas?</p> <p><i>Moçapig (fl.8)</i></p> <p>Três (tradução Ruth Monserrat)</p>	<p><i>Marábépeno?</i></p> <p>E o que mais?</p> <p><i>Mosapýr peçoia iaé Santissima Trindade supé [...]</i></p> <p>Às três peçoas chamamos Santissima Trindade. (p.134, tradução Armando Cardoso)</p>

Observa-se que o termo *abá* foi utilizado tanto em referência às pessoas divinas, no contexto da Santíssima Trindade – dentro do qual o critério de varão se aplica a Cristo, mas não ao Espírito Santo –, como para traduzir o conceito de virgem, no qual *abá* é o varão, capaz de desvirginar (furar) a mulher. O quadro abaixo sintetiza as diferentes opções linguísticas dos jesuítas na tradução dos conceitos cristãos revisados:

Quadro 6: Diferenças na tradução de conceitos cristãos

‘cruz’	<p><i>cruz</i></p> <p>(ARAÚJO, 1952 [1618], p.13r)</p>	<p><i>ioaçaba</i></p> <p>(ANÔNIMO, ant.1591, f.1)</p> <p><i>io-açáb(a)</i></p> <p>recíproco-passar/atravesar</p>
‘virgem’	<p><i>virgem</i></p> <p>(ANÔNIMO, ant. 1591, f. 2)</p>	<p><i>a babicagoereima</i></p> <p>(ARAÚJO ,1952 [1618], p. 15r)</p> <p>abá-býc-agoér- eým-a</p> <p>homem-furar-passado-negação-nominal</p>
‘ano’	<p><i>roig</i></p> <p>(ANÔNIMO, ant.1591, f. 4)</p> <p>frio</p>	<p><i>Ceixu</i></p> <p>(ARAÚJO, 1952 [1618], p. 17)</p> <p>Plêiades</p>
peçoas’ da Santíssima Trindade	<p><i>peçoia</i></p> <p>(ANCHIETA, 1988, p.134)</p>	<p><i>Abá</i></p> <p>homem, gente, peçoia, varão</p> <p>(ANÔNIMO, ant.1591, f.8)</p>

CONCLUSÃO

A *Doutrina do Colégio de Santos* é em quase tudo similar às versões de catecismos de Anchieta. Apenas um capítulo com perguntas e respostas sobre a oração da Ave Maria está ausente nos catecismos de Anchieta. Os demais capítulos que o manuscrito da Biblioteca de Oxford apresenta em comum com as versões de Anchieta e Araújo indicam que a *Doutrina do Colégio de Santos* se enquadra no texto “completo” e oficial ao qual o Provincial Beliarte se refere como pronto para impressão em carta de 1592.

É possível, contudo, encontrar nos primeiros textos catequéticos tupi, em concomitância com a política de standardização no interior da Ordem, conceitos cristãos que mostram oscilação na sua tradução. Em que pese o controle uniformizador bastante eficiente exercido pela hierarquia jesuítica sobre o discurso cristão em tupi, houve espaço para pequenas diferenças na forma de verter para o tupi conceitos cristãos relevantes para a evangelização.

Três dos casos acima expostos de divergência na forma de verter o discurso cristão para a língua tupi (tabela 6) apontam para a existência de uma hesitação entre traduzir – ou seja, propor equivalências na língua indígena – ou não traduzir – ou seja, adotar empréstimos do português.

Segundo Juan Carlos Estenssoro (1998), as ideias cristãs não traduzidas seriam indicadores de conceitos para os quais os missionários consideravam não haver equivalência possível nas línguas indígenas⁸. A não tradução é uma forma de evitar valer-se da cultura indígena como parte da evangelização (ESTENSSORO, 1998, p. 88). Os textos aqui analisados não revelam, porém, a prevalência de um direcionamento único e exclusivo. Por vezes no mesmo texto em tupi – como na *Doutrina do Colégio de Santos* – ora se opta pelo empréstimo, no caso de ‘virgem’(virgem), ora pela expressão em tupi, no caso de cruz (*ioaçaba*).

As ideias cristãs que mostraram maior experimentação ao serem traduzidas para o tupi poderiam ser indício de não aceitação de algumas das versões em tupi. Esse talvez tenha sido o motivo do rechaço da expressão “*santa joaçaba*” para Santa Cruz (“E dado que ao principio tinham empacho de dizer ‘santa joaçaba’ [...] por lhes parecer aquillo gatimanhos” [Irmão Blazquez, Bahia, 1557 *apud* LEITE, 1956, t. II, p. 34]).

SOME DISAGREEMENTS IN THE TRANSLATION OF CHRISTIANITY INTO TUPI IN JESUIT CATECHISMS OF THE 16TH AND 17TH CENTURIES

Abstract: *The aim of this research is to carry out a comparative textual analysis between “Doutrina christã na lingua brasilica”, a manuscript encountered recently at the Bodleian Library at Oxford University, and other versions of Jesuit catechisms. We have adopted the hypothesis of Estenssoro (1998), that differences found between them would be a symptom of the difficulties of acceptance by the indians of certain lexical proposals, which led missionaries to seek alternative solutions.*

Keywords: *Catechisms. Tupi. Translation. Standardization. Jesuits.*

Notas

- 1 Optamos pela palavra “tupi” para designar o nome da língua tratada nesse manuscrito como língua brasílica, por ser o termo mais amplamente usado na Linguística. As opções posteriores - “língua geral”, difundida na Amazônia a partir do século XVIII e “Nheengatu”, usada a partir do século XIX – não são pertinentes para um documento do século XVI.
- 2 Sancta io-açába r-aangab-a recè oré iara a-motar-eim-ara-çui
- 3 Sancta Cruz r-aangab-a recè oré iara a-motar-eim-ara-çui
- 4 maránamo be pe asé ie-obá-açáb-i
- 5 marã ei pe acé o-ye-obá-açáb-a
- 6 a-robriar Jesus Cristo abé [...] ae baé o-ár Maria virgem çui
- 7 a-robriar Jesus Cristo abé [...] ae baé o-ár Maria abá-byc-agoér-eím-a çui
- 8 Segundo um dos revisores desse trabalho “nunca há equivalências, obviamente. As teorias da tradução, o debate histórico sobre elas, anulam este pressuposto ingênuo”. Não refutamos essa posição, mas nossa compreensão da tradução jesuítica como ato de fala permite admitir que ao fazer isso, o missionário está assumindo a construção de equivalências entre diferentes mundos e línguas.

Referências

- ANCHIETA, José. Diálogo da fé: introdução histórico-literária e notas de Armando Cardoso. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1988. (Obras Completas, V.10).
- ANCHIETA, José. Doutrina cristã. Tomo 1: Catecismo brasílico [séc. XVI]. Introdução, tradução e notas do Pe. Armando Cardoso SJ. São Paulo: Edições Loyola, 1992a. (Obras Completas, V.10).
- ANCHIETA, José. Doutrina cristã. Tomo 2: Doutrina autógrafa e confessionário [Introdução, tradução e notas do Pe. Armando Cardoso SJ]. São Paulo: Edições Loyola, 1992b. (Obras Completas, V.10).
- ARAÚJO, Antônio. Catecismo na língua brasílica. Rio de Janeiro: Olímpica, 1952. (Fac-símile da edição de 1618).
- AYROSA, Plínio (coord.). Vocabulário na língua brasílica. Manuscrito português-tupi do século XVII. São Paulo, SP: Departamento de Cultura. 1938. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:anonimo-1938-vocabulario>. Acesso em: 11 jul. 2016.
- ESTENSSORO, Juan Carlos. Del paganismo a la santidad. La incorporación de los índios del Peru al catolicismo. 1532-1750. Revista del Programa de História de América Latina, v. 1, n. 1, p. 1-7, 1998. Disponível em: <http://www.filo.uba.ar/contenidos/investigacion/institutos/ravnani/prohal/pdf/pormorduhay.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2016.
- EVREUX, Yves. Voyage dans le Nord du Brésil. Publié d'après l'exemplaire unique conservé a la Bibliotheque Impériale de Paris. Leipzig & Paris: Librairie A. Franck, 1864 [1615].
- LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, v. 10, 1938.
- LEITE, Serafim. Monumenta Brasiliae. 1956. Disponível em: <https://archive.org/details/monumentabrasili03leit>. Acesso em: 11 jul. 2016.
- NIMUENDAJU, Curt. Los mitos de creacion y de destruccion del mundo como fundamentos de la religion de los Apapokuva- Guarani. Editor Juergen Riester G. Lima: Centro Amazonico de Antropologia y Aplicacion Pratica, 1978.
- NOVO MILENIO. Thomas Lodge visita Santos e leva um livro. Intelectual inglês teve forte influência nas obras de William Shakespeare. 2013. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0453.htm>. Acesso em 11 jul. 2016.

ORE, Luis Jeronimo. *Rituale, seu Manuale Peruanum, et forma brevis administrandi apud Indos Sacrosanta Baptismi, Poenitentiae, Eucharistide, Matrimonii et Extremae Vnctionis*. Napolis, 1607.

TAYLOR, Gerald. *Supay*. Amérindia, Paris, n. 5, p. 47-63, 1980.

THEVET, André. *La Cosmographie Vniverselle d'Andre Thevet cosmographe dv Roy. Illustree de Diverses figures des choses plus remarquables veüe par l'Auteur, & incogneuës de noz Anciens & Modernes*. França: Chez Pierre l'Huillier, rue S.Jacques, à l'Olivier, 1575.

THEVET, André. *Le grand insulaire, et pilotage d'André Thevet. Angoumois, cosmographe du Roy, dans lequel sont contenus plusieurs plants d'isles habitées, et de-shabité, et description d'icelles*. Dois tomos. Paris: BN Richelieu, 1586.